

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Ciências Sociais - Faculdade de
Ciências Sociais**

Fernanda Carpenter Rodrigues Damasceno

IDEOLOGIA NEOLIBERAL E *COACHING*:

Investigação de um fenômeno virtual

Projeto de pesquisa apresentado para
Trabalho de Conclusão de Curso, sob
orientação do Prof. Dra. Eliane Hojaij
Gouveia

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha orientadora Profa. Eliane Gouveia por toda instrução e ensinamentos, e especialmente pela compaixão e parceria durante os momentos difíceis que passei para conseguir concluir este trabalho. Aos meus grandes amigos e colegas de curso Lara Busnello e Rafael Thedim, pela amizade e apoio durante todos os altos e baixos de nossa graduação. À Victória Lourdes, grande amiga e fonte de inspiração e informações para o tema desta pesquisa. Finalmente, agradeço a Profa. Dulce Baptista e Prof. Mark Rossbach que irão compor minha banca avaliadora.

Resumo: Nas últimas décadas, concomitante a expansão e fortalecimento do neoliberalismo no Brasil e consequente retirada de direitos e empobrecimento da classe trabalhadora, figuras que prometem mentorar as pessoas para enriquecerem rapidamente chamados *coaches* de enriquecimento ou *coaches* de empreendedorismo ganharam muito destaque. Enquanto a população brasileira empobreceu ano após ano, estes profissionais venderam milhares de livros e cursos e disseminaram suas ideias para milhões de pessoas nas redes sociais, garantindo que lhes darão ferramentas psicológicas para conquistar sucesso financeiro. O presente trabalho tem o propósito de refletir sobre a relação entre o fenômeno do *coaching* voltado para o enriquecimento e os valores do capitalismo neoliberal; através do estudo comparativo de dois *coaches* brasileiros que se tornaram fenômenos na internet, Pablo Marçal e Thiago Nigro.

PALAVRAS-CHAVE: *Coach*, Enriquecimento, Neoliberalismo, Teologia da Prosperidade Pablo Marçal, Thiago Nigro

Sumário

INTRODUÇÃO - 5

A IDEOLOGIA NEOLIBERAL EXPRESSA NO *COACHING* - 9

“ILUSÕES BIOGRÁFICAS” VIRTUAIS DE ATORES NEOLIBERAIS - 25

PASTORES DO NEOLIBERALISMO: ANÁLISE E COMPARAÇÃO DE VÍDEOS – 44

CONSIDERAÇÕES FINAIS – 57

REFERÊNCIAS - 59

Introdução

A flexibilização do mercado de trabalho neoliberal faz com que surja, complementar a subjetividade do trabalho inaugurada pelo toyotismo, um novo perfil de trabalhador: um sujeito que deve ser adaptável, multifuncional e estar em constante aprimoramento para se manter no mercado de trabalho. A racionalidade neoliberal busca validar os valores do capitalismo flexível por meio da expansão da lógica empresarial. Dessa forma, ideais de constante aperfeiçoamento, performance de alto nível e competitividade extrapolam o mundo empresarial e passam a fazer parte do cotidiano, os trabalhadores devem ser “empreendedores de si mesmos”.

A constituição do neoliberalismo no Brasil teve início na década de 1990, com a adoção de políticas econômicas neoliberais pelo governo do então presidente Fernando Collor de Mello - privatização de empresas estatais, a desregulamentação de setores da economia, a redução das barreiras comerciais e a flexibilização das leis trabalhistas - e se aprofundou durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Desde então, com os governos petistas social-liberais - que ao mesmo tempo que implementaram políticas públicas de combate à pobreza mantiveram medidas neoliberais implementadas anteriormente - e posteriormente com os governos ultraliberais de Temer e Bolsonaro, pode-se observar que houve, apesar de com diferentes especificidades e intensidade, continuidade nas políticas econômicas neoliberais no Brasil. Isto significa, portanto, que pode ser considerado que o país já passa por três décadas de implantação do neoliberalismo, como política econômica, e como ideologia. Em um contexto de progressivo empobrecimento da classe trabalhadora brasileira a partir do Golpe de 2016 - a narrativa em torno da necessidade de adaptação e mudança nas relações de trabalho tem a função, no limite, de legitimar a destruição dos direitos trabalhistas. Recai sobre os indivíduos toda a responsabilidade sobre as decisões tomadas para conseguir empregabilidade em um mercado de trabalho extremamente competitivo.

É neste cenário político e econômico que emerge e se populariza o mercado de *coaching* no Brasil. A prática do *coaching* tem seu surgimento no mundo esportivo estadunidense, com profissionais que trabalhavam com questões de natureza psicológica e subjetiva para potencializar a performance de atletas, e sua ampliação para se tornar um método de gestão da força de trabalho ocorre nos anos de 1980 e 1990. Foi aí que se popularizou a prática de contratar um profissional externamente com a única responsabilidade de auxiliar os

funcionários de uma empresa a alcançar objetivos pré-estabelecidos. Uma definição mais específica dessa profissão aparece ao longo da história como algo de difícil delimitação. Apesar disso, esta atividade continuou a crescer e a se ramificar, surgindo *coaches* para a vida, para relacionamentos amorosos, para finanças, entre outros.

Nos últimos anos, o fenômeno do *coaching* de enriquecimento se tornou cada vez mais popular no Brasil. Essa variação de *coaching* consiste em treinamentos e consultorias com o propósito de transformar as pessoas em empreendedores de sucesso, auxiliá-las a “mudar sua mentalidade”, sua forma de pensar e agir e então conseguir enriquecer rapidamente. Não há dados precisos sobre a atuação do *coaching* de enriquecimento no Brasil, porque não existe um órgão regulador que supervisione a atividade de *coaches* ou empresas que oferecem serviços de *coaching*. Além disso, muitas empresas de *coaching* não divulgam seus resultados financeiros ou números de clientes, o que torna difícil obter informações quantitativas precisas. No entanto, é possível encontrar algumas estimativas e dados gerais sobre o mercado de *coaching* no Brasil. Segundo a *International Coach Federation* (ICF), o Brasil é o segundo maior mercado de *coaching* do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. Em 2019, a ICF estimou que havia cerca de 15.000 *coaches* no Brasil e que o mercado brasileiro de *coaching* movimentou cerca de R\$ 3 bilhões naquele ano. Embora não seja possível saber quantos desses *coaches* se dedicam especificamente ao *coaching* de enriquecimento, é possível encontrar uma série de cursos e programas de *coaching* voltados para o empreendedorismo e a conquista de riqueza financeira. Além disso, há uma série de personalidades influentes no mundo do *coaching* de enriquecimento no Brasil, como Paulo Vieira, autor do best-seller de *life-coaching* “O Poder da Ação” e criador das duas maiores instituições de *coaching* do país, a Sociedade Brasileira de Coaching e a Federação Brasileira de Coaching Integral Sistêmico, e Pablo Marçal, empresário e *coach* que oferece cursos que prometem “desbloqueios cerebrais” para ajudar as pessoas a desenvolverem seu potencial em todas as áreas da vida - pessoal, profissional e principalmente financeira cujo trabalho esta monografia irá se debruçar com maior profundidade.

Segundo seu portal oficial, Marçal é "cristão, filantropo, empreendedor imobiliário e digital, mentor, estrategista de negócios, especialista em branding e jurista por formação" e já escreveu 25 livros de autoajuda e motivação, incluindo 5 best-sellers. Atualmente, possui mais de 4 milhões de seguidores nas redes sociais, mas alega alcançar 10 milhões de pessoas com suas mentorias e conteúdos virtuais. Pablo Marçal se tornou conhecido por desenvolver um método de *coaching* que denominou de IP (Inteligência de Potencial), que é baseado na

abordagem pseudocientífica chamada de programação neurolinguística. Thiago Nigro é um renomado *coach* financeiro e empreendedor brasileiro criador de um canal do YouTube com 6,95 milhões de inscritos chamado “O Primo Rico”. Através principalmente deste canal do Youtube e seu instagram com quase 9 milhões de seguidores, Thiago diz que seus conteúdos são acompanhados por cerca de 15 milhões de pessoas todos os meses. Oferece uma variedade de produtos e serviços voltados para a educação financeira e investimentos. Seu site oficial diz que o cerne do que vende é conhecimento e orientação para ajudar as pessoas a entenderem e melhorarem suas finanças pessoais.

Pablo Marçal e Thiago Nigro foram escolhidos como alvo de estudo deste trabalho por serem exemplos contemporâneos de muita relevância do fenômeno que se pretende pesquisar. Essa elaboração pretende investigar se e como o discurso vendido por ele e múltiplos outros *coaches* com trabalho semelhante em cursos e livros se realciona com o neoliberalismo e entender se existem conexões entre a disseminação destas ideias e a conformação ideológica da extrema-direita brasileira no último período.

Objetivos

Geral

Levantar reflexões sobre a prática do *coaching* de enriquecimento e a popularidade adquirida por esses profissionais nos últimos anos e sua conexão com a ascensão e hegemonização da ideologia neoliberal de ampliação da lógica econômica para todas as esferas da vida e estabelecimento da concorrência como norma de conduta na sociedade brasileira.

Específico

Com o propósito de entender um pouco sobre a realidade brasileira quanto ao tema, realizar uma comparação entre o conteúdo compartilhado e vendido nas redes por Thiago Nigro e Pablo Marçal. Investigar como o discurso vendido por eles e múltiplos outros coaches com trabalho semelhante em cursos e livros se realciona com o neoliberalismo. Para tal análise, levar em conta a falta de regulamentação da atividade, a prática ilegal da psicologia, utilização de técnicas pseudocientíficas e a espetacularização do discurso inspiracional e de enriquecimento rápido nas mídias sociais digitais propagadas por estes.

Procedimentos metodológicos

A fim de compreender as complexidades e particularidades dos exemplos escolhidos combinar a metodologia de desk research com referências teóricas clássicas e contemporâneas da ciência política e sociologia. Será analisado material disponível virtualmente - vídeos de palestras e aulas de cursos de Pablo Marçal e Thiago Marçal e a leitura de livros e textos escritos por estes - através da transcrição do conteúdo dos vídeos, da identificação de padrões e temas recorrentes, categorização dos dados coletados e principalmente análise de discurso.

CAPÍTULO 1 - A ideologia neoliberal expressa no *coaching*

Este primeiro capítulo aborda a transição do modo de produção fordista para o toyotismo e busca entender que fatores motivaram esta transformação que afetou não somente o processo de produção e de trabalho em fábricas, mas iniciou uma nova fase do capitalismo: o neoliberalismo. Essencialmente, tratará de designar e explicitar o que este trabalho entenderá por ideologia neoliberal, o que a categoriza e como atua, para posteriormente investigar se e como esta se relaciona com o fenômeno do *coaching*.

A constituição do neoliberalismo no Brasil teve início na década de 1990, com a adoção de políticas econômicas neoliberais pelo governo do então presidente Fernando Collor de Mello - privatização de empresas estatais, a desregulamentação de setores da economia, a redução das barreiras comerciais e a flexibilização das leis trabalhistas - e se aprofundou durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Desde então, com os governos petistas social-liberais - que ao mesmo tempo que implementaram políticas públicas de combate à pobreza mantiveram medidas neoliberais implementadas anteriormente - e posteriormente com os governos ultraliberais de Temer e Bolsonaro, pode-se observar que houve, apesar de com diferentes especificidades e intensidade, continuidade nas políticas econômicas neoliberais no Brasil. Isto significa, portanto, que pode ser considerado que o país já passa por três décadas de implantação do neoliberalismo, como política econômica, e como ideologia. Em um contexto de progressivo empobrecimento da classe trabalhadora brasileira a partir do Golpe de 2016 - a narrativa em torno da necessidade de adaptação e mudança nas relações de trabalho tem a função, no limite, de legitimar a destruição dos direitos trabalhistas. Recai sobre os indivíduos toda a responsabilidade sobre as decisões tomadas para conseguir empregabilidade em um mercado de trabalho extremamente competitivo.

É neste cenário político e econômico que emerge e se populariza o mercado de *coaching* no Brasil. A prática do *coaching* tem seu surgimento no mundo esportivo estadunidense, com profissionais que trabalhavam com questões de natureza psicológica e subjetiva para potencializar a performance de atletas, e sua ampliação para se tornar um método de gestão da força de trabalho ocorre nos anos de 1980 e 1990. Foi aí que se popularizou a prática de contratar um profissional externamente com a única responsabilidade de auxiliar os funcionários de uma empresa a alcançar objetivos pré-estabelecidos. Uma definição mais específica dessa profissão aparece ao longo da história como algo de difícil delimitação. Apesar disso, esta atividade continuou a crescer e a se ramificar, surgindo *coaches* para a vida, para relacionamentos amorosos, para finanças, entre outros.

Por isso, a compreensão do que é o *coaching* e, acima de tudo, do porquê ele representa tão bem o neoliberalismo do século XXI só é possível quando primeiro entendemos suas bases materiais e históricas. Então, quais são os fundamentos históricos e materiais que fazem o *coaching* um fenômeno moderno? Uma das grandes transformações do século XX que afetou a forma como enxergamos e vivemos o mundo do trabalho - e seus reflexos na sociedade - foram os padrões de produção, ou seja, a mudança no funcionamento da cadeia produtiva para gerar mais lucro e evitar perdas durante essa ação. Pensar na transição do fordismo para o toyotismo como padrão de produção é fundamental para entender a manutenção do capitalismo como um sistema econômico bem-sucedido.

O geógrafo britânico David Harvey (2014) argumenta que, ao analisar como e por que ocorre a transição do taylorismo para a reestruturação produtiva, precisamos entender como o capitalismo se configura fundamentalmente. Segundo Harvey, sua estrutura é baseada em três características principais: seu objetivo é sempre o crescimento econômico, é sempre dirigido

pelo trabalho através da produção e do mercado e, finalmente, sua organização e desenvolvimento tecnológico são necessariamente dinâmicos. Com base na teoria de Karl Marx, Harvey alinha esses três princípios da existência do capitalismo em contraste e, portanto, “a dinâmica do capitalismo era inevitavelmente propensa a crises” (HARVEY, 2014, p. 169). A principal razão para isso é a tendência à superacumulação. As opções dadas então são a adaptação ou a extinção do sistema.

Durante a Grande Depressão que se seguiu à crise de 1929, Henry Ford chegou a aumentar os salários de seus trabalhadores para aumentar a demanda efetiva. Mas, como relata Harvey, as ações de um único capitalista não conseguiram reverter os efeitos mais perversos da crise. Isso só foi possível com a ajuda do programa de estímulo econômico do *New Deal* implementado pelo governo Roosevelt. Segundo Harvey:

O problema, tal como o via um economista como Keynes, era chegar a um conjunto de estratégias administrativas científicas e poderes estatais que estabilizassem o capitalismo, ao mesmo tempo que se evitavam as evidentes repressões e irracionalidades, toda a beligerância e todo o nacionalismo estreito que as soluções nacional-socialistas implicavam. (HARVEY, 1993, p. 124)

Porém, as mesmas reações que produziram o fordismo e o keynesianismo não eram mais suficientes para conter crises de superacumulação nessa nova forma. A crise do fordismo na década de 1970 resultou de sua rigidez na produção, nos investimentos, mercados, contratos de trabalho e alocação, os quais não tinham em sua configuração a capacidade de lidar com a competição mundial insurgente – advinda, por exemplo, de países do sudeste asiático –, nem

com a inflação do dólar, a qual acabou por desorganizar as relações econômicas de países como os Estados Unidos e a Inglaterra.

O acúmulo de crises fez com que se tornasse insustentável a continuidade de um sistema dentro da lógica vigente na época. Os Estados e grandes corporações se viram em uma situação em que só poderiam sobreviver e competir aqueles que entrassem “num período de racionalização, reestruturação e intensificação do controle do trabalho” (HARVEY, 2014, p. 138). Por isso deveriam buscar alternativas alternativas para revitalizar a economia deflacionária através de mudanças na configuração de produção e do mercado financeiro internacional.

As estruturas fordistas são, em seus principais aspectos, a produção em massa de mercadorias uniformes e padronizadas com grandes estoques, a execução de tarefas únicas pelos trabalhadores, o alto grau de especialização das tarefas, Estado regulamentado e subsidiador, negociação coletiva e ideologia do consumo de bens duráveis. A produção em massa de mercadorias uniformes e duráveis permitiria que a experiência capitalista fosse constrangida e regulada pelas regras que organizam o mundo do trabalho, tanto no que diz respeito à proteção do trabalhador quanto à estreita relação entre Estado e indústria. Quanto mais leis houver, mais rígido se torna o mercado, “preso” em grilhões que o impedem de funcionar de acordo com a demanda. As organizações trabalhistas, com seu poder coletivo, também foram um fator chave de desestabilização em qualquer tentativa de transformar a indústria. Todos esses problemas tornaram-se obstáculos porque a rigidez estava no cerne do fordismo, tornando impossível imaginar uma forma mais livre de manter os lucros sem reestruturar.

Surge nessa transição, através das adaptações do capital, o que Harvey intitula de acumulação flexível, um processo marcado pelo desenvolvimento de serviços e indústrias, pela compressão

do espaço-tempo, desemprego estrutural, maior controle do trabalho pelo empregador e menos engajamento do poder sindical. Estes dois últimos fatores interagem para criar uma flexibilidade sensível no mercado de trabalho, reduzindo o núcleo fixo de trabalhadores essenciais e mais protegidos e criando grupos de trabalhadores a tempo parcial, temporários e subcontratados, demonstrando o movimento dessa transição. Mesmo os trabalhadores de tempo integral foram submetidos longas jornadas e tiveram que se adaptar a demandas de qualquer natureza sob a constante ameaça de demissões. Outro aspecto importante foi a diminuição do tempo de giro, ou seja, o uso de novas tecnologias tornou a produção mais rápida. Para acompanhar esse ritmo, o mercado precisava ter espaço para acomodar a nova onda no momento ideal para o funcionamento da indústria e da própria economia. Portanto, era importante que a meia-vida do produto fosse encurtada, criando uma necessidade imediata de novos produtos. Não só isso foi aplicado, mas também, tão importante quanto para a durabilidade desse modo de produção, a ideologia segue um perfil de acumulação altamente volátil e flexível, seguindo essencialmente características como “[...] instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação das formas culturais” (HARVEY, 2014, p. 148).

A definição do capitalismo, durante a consolidação da acumulação flexível, enquanto um sistema altamente organizado e descentralizado com mercados de trabalho flexíveis, só foi possível a partir de dois vetores: o acesso e análise rápida e privilegiada de informações e a desregulamentação do mercado financeiro mundial. Inteligência de mercado, inovação tecnológica ou influência sobre as expectativas do consumidor podem não apenas determinar o futuro de uma empresa, mas também indicar se ela pode moldar novos valores culturais por meio do mercado. O capital financeiro veio a se tornar uma fonte de coordenação para a acumulação flexível, mais do que o Estado. Esse se encontra em difícil situação porque precisa

conciliar, em certa medida, a soberania nacional e ainda atrair o interesse comercial e financeiro de parceiros internacionais. Além disso, o chamado “Estado de Bem-Estar”, que prosperou de 1945 a 1975 devido às políticas de proteção social e crescimento econômico do pós-guerra, estava em perigo devido ao aumento do desemprego e à estagnação da economia local.

Grupos políticos de direita aproveitaram a chance para afirmar que o Estado estava que cada vez mais extenso, pesado e oneroso, e que era o responsável central da própria crise econômica que avançou pelo mundo todo a partir de 1973/75, e precisava de uma reforma que eliminasse esses “problemas”. Em mais de um país, campanhas eleitorais desses grupos ganharam com planos de governo neoliberais, entre os quais se destacaram o governo de Margaret Thatcher, na Inglaterra em 1978, e o de Ronald Reagan, nos Estados Unidos em 1980.

O sufixo "neo" para neoliberalismo indica que, apesar de suas semelhanças com o liberalismo (na medida em que considera os estados intervencionistas como subdesenvolvidos), ele traz algo novo. O termo surgiu na década de 1930, quando os pensadores liberais tentavam repensar a forma do liberalismo, tendo em vista o fracasso na ideia de um “mercado livre e auto suficiente” na prática. Sua novidade reside não apenas nos inimigos que enfrenta (Estados assistenciais, sindicatos, keynesianismo, democracias populistas, Estados em desenvolvimento), mas em transformar o Estado em um dispositivo que funciona como um mercado - competitivo e eficiente, com uma dependência do capital financeiro - além de conseguir formatar uma racionalidade neoliberal (DARDOT;LAVAL, 2016) que atravessa a sociedade. O desmantelamento neoliberal das antigas políticas governamentais e a implementação de novas políticas levaram à privatizações de empresas estatais, de forma a deixar a cargo do mercado os serviços de proteção social, além da desregulamentação e flexibilização do mundo do trabalho, acompanhado do enfraquecimento do sindicalismo.

Como Andrade (2015, p. 216) coloca “não se trata de um desmantelamento do Estado, mas de sua reestruturação, mantendo um papel forte e bastante ativo, mas que sofre variações conforme sua configuração histórica específica”. O toyotismo - a face da reestruturação produtiva - serviu ao capitalismo mundial do final do século XX através da famosa produção enxuta, “novas normas de concorrência” e a “exigência de uma nova subjetividade do trabalho”.

Para entendermos a lógica da reestruturação produtiva - ou acumulação flexível, segundo Harvey - e seu alcance, é necessário entendermos primeiro qual é o “espírito do toyotismo”, ou seja, o que o compõe em seu cerne, o caracterizando como algo capaz de ser padrão para o capitalismo do final do século XX. Seu surgimento se deu no Japão, na década de 1950, pelas mãos do vice-presidente da empresa Toyota Motor Company. Taiichi Ohno percebeu que a forma americana de produzir poderia não ser a melhor alternativa para a realidade japonesa. É colocado em prática então o *just-in-time* - produção sob demanda – em conjunto com a automação com um toque humano. Além disso, para evitar o desperdício, criou-se o *Kanban*, uma maneira de garantir o sucesso desse novo modelo ao controlar e comunicar as partes da linha de montagem a quantidade necessária de peças para a montagem do produto.

Apesar do surgimento do Sistema Toyota de Produção ter sido um fenômeno socioeconômico exclusivo do Japão, Ohno afirma que o modo de produção Toyota pode ser universalizado para as mais distintas áreas. Fundamentalmente, esta filosofia define-se por introduzir a mente e o corpo como parte integrante do bom desempenho do trabalho e evitar o desperdício, com o objetivo de reduzir custos e aumentar a produtividade através da gestão dos recursos humanos. O interesse em aproveitar o conjunto corpo-mente é comum ao fordismo e ao toyotismo, mas de maneiras diferentes. No primeiro, como mostra Gramsci, os industriais se preocupavam em investigar a vida privada dos trabalhadores para afastá-los do álcool e do envolvimento sexual

casual, pois eram questões que poderiam destruir a capacidade física e psicológica desses indivíduos, necessárias em boas condições para o desempenho nas fábricas. Um discurso puritano impregnado de moralidade é amplificado para modelar o trabalhador ideal. A inovação do toyotismo na conexão mente-corpo do trabalhador é que o envolvimento mental direto do trabalhador em todo o trabalho realizado é essencial. Esse é um ponto fundamental para compreender a base do mundo do *coaching*, pois essa característica de praticar e treinar é um dos motivos de ser do *coaching* (originalmente restrito ao mundo dos negócios), dado que aqueles que procuram atendimento com *coaches* os procuram justamente para encontrar maneiras de aumentar, melhorar, aprimorar sua performance.

Dardot e Laval (2016) comparam a prática de esportes competitivos ao novo homem do neoliberalismo, porque, como atletas abnegados que treinam constantemente e ultrapassam novos limites, os trabalhadores são incentivados a evoluir e explorar alternativas para otimizar seu desempenho. O mundo do esporte e seus sujeitos são, segundo os autores, uma excelente representação do empreendedor de si mesmo, que busca sua realização no atingir um limite. É possível apontar três principais características do toyotismo: produção difusa, produção fluída e produção flexível. As três principais características do toyotismo são a produção difusa, a produção fluida e a produção flexível. Essas três partes são essenciais para a extensibilidade e adaptabilidade do toyotismo. Na manufatura popularizada, há uma separação entre trabalhadores permanentes e temporários e incentivos à terceirização. Centralizar todas as atividades dentro de uma fábrica significaria esforço desnecessário, por isso a terceirização é sempre preconizada neste momento, deixando a fábrica enxuta para focar apenas nas atividades principais. Como o termo sugere, produção flexível significa projetar a produção para quantidades e variedades variáveis de produtos, possibilitada apenas pela tecnologia introduzida. Finalmente, a produção fluida significa a reorganização das linhas de produção

com máquinas automatizadas. Isso dá aos funcionários maior mobilidade, mais tempo para concluir diferentes tarefas e mais versatilidade. Essencialmente, esta multivalência implica um requisito para a especialização dos funcionários e, portanto, a capacidade de gerenciar diferentes habilidades dentro da fábrica. Isso só se consegue com a dedicação, positividade e inteligência de quem realiza as ações. Quem melhor para melhorar o processo de produção do que as pessoas que trabalham na linha de montagem todos os dias? O toyotismo utiliza esse “saber-fazer” para eliminar o maior mal, o desperdício, e criar produtos com flexibilidade para atender à demanda.

Chega-se, então, à questão central para compreender o que é a captura da subjetividade do trabalho pelo capital, pois é através dessas exigências específicas que o toyotismo desenvolve, de uma forma diferente do fordismo, uma racionalidade voltada para a produção, instigando um envolvimento direto dos “colaboradores” com o trabalho. Menos trabalhadores fazem mais tarefas com o auxílio de tecnologias e alcançam maior eficiência em menos tempo. A boa gestão, baseada em mudanças no modo de pensar dos trabalhadores e na própria fábrica, permite uma abordagem ideológica que considera alavancar uma ampla gama de habilidades produtivas dos trabalhadores como valorização de seu trabalho. Dessa forma, os próprios trabalhadores dão sentido à continuidade desse processo de autogestão.

Pode-se identificar assim a cultura do trabalho caracterizada pelos princípios do toyotismo, observando as consequências sobre os trabalhadores que possuem uma sociabilidade baseada em informalidade e precarização dos direitos garantidos pelo Estado social. Flexibilidade e adaptabilidade são as chaves para se manter ativo no mercado de trabalho. Como Harvey já descreveu, o mundo do trabalho terá um núcleo cada vez menor de trabalhadores permanentes, cercado por todo tipo de trabalhadores terceirizados e temporários. A mecânica desse ambiente

já é um pouco diferente do fordismo em que há coordenação e não liderança, eliminando a ideia de subordinação total da equipe a um cargo superior.

O funcionário exemplar cumpre com as expectativas e não é ordenado a fazer, pois já possui uma autogestão. Assim, com essa direção bem desenhada e interiorizada, os trabalhadores sabem qual é o perfil esperado de cada um: não se espera receber a ordem, o trabalhador faz antes de se pedir. A proatividade é uma característica valorizada nas empresas. É importante enfatizar como diferentes modos de produção coexistem dentro da acumulação flexível. Segundo Harvey, o próprio modo de produção gerou a alta flexibilização e a precarização, e essa informalidade crescente produz um largo exército industrial de reserva que garantiria a permanência de baixos salários e possibilitaria formas alternativas de distribuição dos produtos industrializados.

O trabalho, há muito tempo já proclamado como um valor central para os indivíduos, ganha novos significados no capitalismo flexível, exemplificando o trabalhador sempre em movimento que quer se refrescar e ser sua própria empresa. O próprio Estado incentiva todos a abrir seu próprio negócio, como aconteceu, por exemplo, no Brasil no final da década de 1990, com o "empreendedorismo por necessidade" voltado para pequenos negócios com pouco valor agregado. A "oportunidade" de fazer escolhas com base nos próprios interesses, ser "seu próprio chefe" e construir algo do zero com seu mérito e esforço, se sobrepõe a uma precariedade constituinte na ausência de controles à intensificação do trabalho e ao acesso a benefícios sociais. Recai sobre os indivíduos toda a carga de responsabilidade futura sobre as decisões tomadas para conseguir uma empregabilidade em mercados de trabalho extremamente competitivos. A morfologia da reestruturação produtiva, caracterizada por esse foco na "captura" da subjetividade humana, corresponde ao desejo do capital de negar a existência de

contradições entre patrões e trabalhadores, entre capitalistas e a classe trabalhadora, contradições que foram reforçadas durante a hegemonia do taylorismo-fordismo.

O objetivo de atribuir significado e valor ao próprio trabalho dos funcionários é transformar o trabalho em ferramentas para maior lucro. Portanto, não se trata apenas de uma transição onde há uma ruptura direta entre um e outro sistema, mas sim de uma inovação de acordo com as necessidades do capitalismo e sua acumulação excessiva. O Toyotismo visa usá-lo para maior produção a custos mais baixos. Permanece o interesse pela racionalização do processo produtivo, respondendo aos momentos do capitalismo. A história da necessidade de adaptação e mudança nas relações de trabalho tem uma função de justificativa limitada para destruir os direitos dos trabalhadores e aprofundar a assimetria entre capital e trabalho.

Se temos explicadas as bases materiais para uma nova fase do capitalismo, podemos pensar sobre quais valores ela é constituída. Como a imagem do homem neoliberal multidisciplinar, participativo e sedento pela mudança e independência se amplia tão eficazmente? Segundo Dardot e Laval (2016), esse momento não pode ser resumido ao sucateamento e destruição de políticas sociais e trabalhistas, tão importante quanto é a criação de uma nova subjetividade que sobrepõe o modelo empresarial, de competição, a todas as dimensões da vida. A sobreposição do mercado e do lucro com outras esferas, segundo os autores, surgiu da introdução bem-sucedida de complexos dispositivos de controle no corpo e na mente humanos, que se deslocaram para a subjetividade, de forma a

“produzir uma relação do sujeito individual com ele mesmo que seja homóloga à relação do capital com ele mesmo ou, mais precisamente, uma relação do sujeito com ele mesmo como ‘capital humano’ que deve crescer indefinidamente” (DARDOT;LAVAL, 2016, p. 28).

Vários fatores se combinaram para que essa relação fosse a regra: mudanças no capitalismo em decorrência da crise dos anos 1970; daí as batalhas ideológicas entre o estado de bem-estar e o neoliberalismo, onde este último sai como vencedor e transfere a lógica comercial para o estado; um sistema disciplinar visando a flexibilidade e a competição (do mercado de trabalho e dele próprio); e a racionalidade decorrente da expansão dessa disciplina.

A partir desse ponto de vista, o neoliberalismo se mostra não apenas como um tipo de política econômica ou uma ideologia, mas um “sistema normativo” (DARDOT E LAVAL, 2016) que influencia todo o mundo, uma vez que estende as premissas da economia de mercado a todas as relações sociais e esferas da vida, transformando, assim, a sociedade em todos os seus aspectos. O neoliberalismo consegue homogeneizar os discursos e por conseguinte fazer com que suas ideias se tornem preponderantes, necessárias para a vida em sociedade, dando luz ao sujeito empresarial ou neoliberal. A generalização da forma-empresa sugere ao indivíduo internalizar os requisitos que são impostos pelo mercado, fazendo com que sua realização, tanto profissional quanto pessoal (e até sua sobrevivência), dependa cada vez mais desse espírito do empreendedorismo, que passa a fazer parte de todos os aspectos da vida desse indivíduo e não faz distinção entre econômico e não econômico. Dessa forma, a figura desse trabalhador flexível, que precisa virar-se por conta própria e é fruto de uma busca constante por qualificação, está imersa nessa cultura/ideologia do empreendedorismo, que agora sai da empresa e se torna disponível para quem quiser conhecê-la, reforçando um culto sem culpa à personalidade e ao sucesso. Nas palavras de Dardot e Laval (2016, p.146), na dimensão do empreendedorismo, “somos todos empreendedores, ou melhor, aprendemos a ser empreendedores. Apenas pelo jogo do mercado nós nos educamos a nos governar como empreendedores”.

Tomado como verdade adaptável a qualquer pessoa, o espírito empreendedor é disseminado pelas mais variadas instituições. O Estado, por exemplo, estimula tal comportamento a partir de políticas públicas que tornam o cenário cada vez mais favorável à “arte de empreender”. A mídia, por sua vez, com sua linguagem clara e simples em relação ao tema, busca atingir o maior número de pessoas divulgando uma ideia “irreal” de que tudo é fácil e de sucesso quando se trata de empreender, e assim, mesmo aquele indivíduo que não tem um perfil empreendedor acredita que tenha. Já as instituições de ensino contribuem para que tal discurso atinja as massas cada vez mais cedo, buscando despertar/desenvolver as características empreendedoras em cada indivíduo: tanto nos cursos gratuitos e *on-line* de algumas instituições como nas grades curriculares das escolas e faculdades. Assim,

“todos os problemas são solucionáveis dentro do espírito da gestão e da atitude gerencial; todos os trabalhadores devem olhar para sua função e seu compromisso com a empresa com os olhos de gestor” (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 154)

e esse indivíduo age como um líder, chamando para si a responsabilidade de decidir. É exigida dele competência para analisar, investigar, negociar, persuadir e influenciar pessoas. O indivíduo neoliberal se torna um empreendimento, uma empresa, a mais valiosa que existe, e o mercado se torna a vitrine onde ele se expõe, se negocia e se vende, indicando que a gestão de empresa e a gestão de si mesmo obedecem às mesmas leis. Essa maneira de encarar todas as dimensões da vida é uma parte necessária para nos mantermos disponíveis no mundo do trabalho e também de sermos reconhecidos enquanto sujeitos, já que o próprio valor de sua existência no capitalismo depende diretamente do quanto se expressa como uma empresa de si mesmo. Mesmo se você apresentar as qualidades necessárias, não é definido o tempo pelo qual usufruirá daquilo que é prometido, seja uma vaga de emprego ou um relacionamento amoroso.

Nessa fase do capitalismo o que impera é a preocupação com uma constante manutenção de habilidades do trabalhador, pois é somente com esse cuidado que se consegue permanecer no mercado de trabalho. Não basta apresentar um currículo saturado, mas principalmente que seu conteúdo esteja sempre sendo atualizado. Pois quando a empresa está contratando, ela não está contratando um trabalhador, mas uma pequena empresa, a empresa de si mesmo, que, no momento em que não oferecer o serviço mais atualizado e inovador, é esperado que alguém melhor o substitua já que o lucro corre risco.

Nesse cenário, é imposto a cada um de nós que vivamos em um universo de competição generalizada: os indivíduos e as populações entram em luta econômica uns contra os outros, as relações sociais devem ser pautadas segundo o modelo do mercado, as desigualdades justificadas pelo discurso da meritocracia e o indivíduo, nesse contexto, é “incitado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 16). Os efeitos produzidos pela racionalidade neoliberal atravessam toda a sociedade, alterando as relações que os sujeitos estabelecem com o Estado, o mercado de trabalho e consigo mesmo. Para que tudo isso seja internalizado e reproduzido, são criadas ou potencializadas diferentes áreas e técnicas de conhecimento em defesa dos valores neoliberais.

É nesse contexto e legitimando esse modo de estar no mundo, que os *coaches* vêm ganhando um espaço cada vez maior, ajudando a disseminar e lapidar a ideia de um eu ideal e uma vida transformadora e extraordinária. O *coaching* é frequentemente “oferecido como uma promessa de melhor desempenho e eficácia”. É preciso entender como os *coaches* agem, de forma consciente ou inadvertidamente, como um dispositivo ideológico.

Nos últimos anos, o fenômeno do *coaching* de enriquecimento se tornou cada vez mais popular no Brasil. Essa variação de *coaching* consiste em treinamentos e consultorias com o propósito de transformar as pessoas em empreendedores de sucesso, auxiliá-las a “mudar sua mentalidade”, sua forma de pensar e agir e então conseguir enriquecer rapidamente. Não há dados precisos sobre a atuação do *coaching* de enriquecimento no Brasil, porque não existe um órgão regulador que supervisione a atividade de *coaches* ou empresas que oferecem serviços de *coaching*. Além disso, muitas empresas de *coaching* não divulgam seus resultados financeiros ou números de clientes, o que torna difícil obter informações quantitativas precisas. No entanto, é possível encontrar algumas estimativas e dados gerais sobre o mercado de *coaching* no Brasil. Segundo a International Coach Federation (ICF), o Brasil é o segundo maior mercado de *coaching* do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. Em 2019, a ICF estimou que havia cerca de 15.000 *coaches* no Brasil e que o mercado brasileiro de *coaching* movimentou cerca de R\$3 bilhões naquele ano. Embora não seja possível saber quantos desses *coaches* se dedicam especificamente ao *coaching* de enriquecimento, é possível encontrar uma série de cursos e programas de *coaching* voltados para o empreendedorismo e a conquista de riqueza financeira.

A flexibilização do mercado de trabalho neoliberal faz com que surja, complementar a subjetividade do trabalho inaugurada pelo toyotismo, um novo perfil de trabalhador: um sujeito que deve ser adaptável, multifuncional e estar em constante aprimoramento para se manter no mercado de trabalho. A racionalidade neoliberal busca validar os valores do capitalismo flexível por meio da expansão da lógica empresarial. Dessa forma, ideais de constante aperfeiçoamento, performance de alto nível e competitividade extrapolam o mundo empresarial e passam a fazer parte do cotidiano, os trabalhadores devem ser “empreendedores de si mesmos”.

Essa audiência que busca a receita de sucesso e felicidade cresce a cada dia, dando cada vez mais espaço para experts da subjetividade, ou seja, os *coaches*, que advogam a favor de que temos que ser o protagonista da nossa história, parecem atuar como pastores do neoliberalismo que propagam uma nova forma de se comportar, uma nova crença. Presenciam-se diversas promessas de evolução, desenvolvimento do espírito, prosperidade e salvação, que garantem/vendem êxito tanto no mercado de trabalho como na vida. Para os indivíduos neoliberais, a vida é um jogo competitivo; e a mente, o corpo e o estado emocional são recursos, uma força a ser desenvolvida/estimulada para alavancar uma vantagem.

CAPÍTULO 2 - “Ilusões biográficas” virtuais de atores neoliberais

A difusão do neoliberalismo nos meios digitais através do coaching financeiro e de vida tem desempenhado um papel significativo na promoção e na disseminação das ideias associadas a essa doutrina econômica e social. Os coaches financeiros e de vida, operando em plataformas online, têm se tornado importantes agentes na propagação dos princípios e valores neoliberais.

Através de blogs, canais no YouTube, redes sociais e outros recursos online, os coaches utilizam estratégias e abordagens que se alinham com os fundamentos do neoliberalismo. Suas mensagens enfatizam a responsabilidade individual, a busca pela independência financeira, o empreendedorismo e o sucesso pessoal como pilares-chave para uma vida plena e bem-sucedida.

A difusão do neoliberalismo nos meios digitais através do coaching influencia a maneira como muitos enxergam e abordam suas vidas, suas finanças e seus objetivos. No entanto, a reflexão crítica sobre como esses princípios são transmitidos e recebidos é essencial para compreender como essas mensagens moldam percepções individuais e coletivas, especialmente em relação a questões econômicas e sociais.

Segundo a teoria do capital humano, somos possuidores de nossos meios de produção: nossas habilidades, conhecimentos, afetos, redes de sociabilidade, formação e aparência física; cabe a nós investirmos esse capital de modo apropriado tendo em vista sua valorização. Quando estudamos investimos em nosso capital intelectual, quando convidamos amigos para um jantar investimos em nosso capital social, quando fazemos terapia investimos em

nosso capital emocional; e já não soa estranho a ninguém quando, nas revistas de fofoca, alguém afirma estar investindo em um relacionamento amoroso (VIANA, 2011, p. 91)

Algo constantemente presente na filosofia do *coaching* é o enfrentamento de dificuldades como motor para crescimento pessoal. O *coach* tem o papel de resgatar e deixar à mostra essa capacidade e caminhar ao lado do mentorado enquanto este descobre as melhores formas para não somente enfrentar as situações no presente, como se preparar mentalmente para as do futuro. Whitmore (2009, p. 158) ao apontar os múltiplos benefícios do *coaching*, já alerta que “no futuro, a exigência por flexibilidade irá aumentar, não diminuir. [...] Apenas os flexíveis e resilientes sobreviverão.” Não é mera coincidência que as ideias compartilhadas casem tão bem com o programa neoliberal que ganha força globalmente na década de 1990, mesmo período que se comprova maior movimentação de publicações acadêmicas internacionais (GRANT, 2003) e referências em meios de comunicação brasileiros (TEIXEIRA, 2015) sobre coaching.

É preciso esclarecer que, com todo rigor, no caso brasileiro coaching não é uma profissão regularizada, embora haja algum movimento no país neste sentido. Ao mesmo tempo que podemos observar um interesse na regularização com a criação de propostas online no portal e-Cidadania do Senado neste sentido, há também representantes do coaching que não têm interesse na regularização como Paulo Vieira, um dos representantes da área mais conhecido do Brasil, pois, segundo ele em uma entrevista ao Fantástico, “se o governo começar a interferir em tudo ‘isso pode, isso não pode’, o mundo se engessa”.

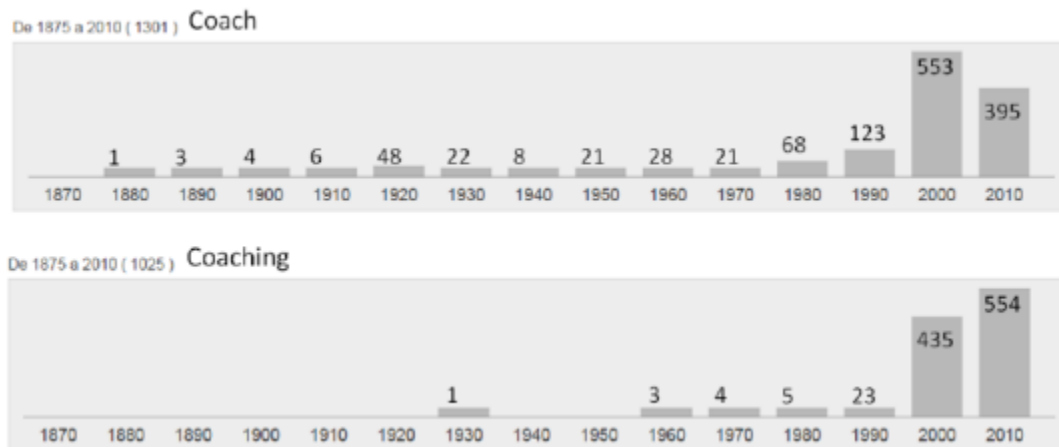
De todo modo, segundo o Código Brasileiro de Ocupações, o trabalho que mais se

aproxima ao que é realizado por um *coaching* é classificado como “Instrutor de aprendizagem e treinamento industrial”, código 2332-10. Segundo a CBO, esta ocupação é descrita da seguinte forma: Planejam e desenvolvem situações de ensino e aprendizagem voltadas para a qualificação profissional de jovens e adultos orientando-os nas técnicas específicas da área em questão. avaliam processo ensino-aprendizagem; elaboram material pedagógico; sistematizam estudos, informações e 30 experiências sobre a área ensinada; garantem segurança, higiene e proteção ambiental nas situações de ensino aprendizagem; fazem registros de documentação escolar, de oficinas e de laboratórios. podem prestar serviços à comunidade. no desenvolvimento das atividades mobilizam capacidades comunicativas.

Segundo o estudo realizado pela *International Coach Federation* (ICF), em 2020, estima-se que havia aproximadamente 71.000 *coaches* ativos em 2019, sendo esse resultado marcado pelo crescimento da atividade na América Latina e Caribe, com um aumento de 174%. No Brasil, até o momento, não existem pesquisas que registrem dados como quantidade de *coaches* exercendo a atividade ou quais campos são mais recorrentes nacionalmente, apesar de percebermos que vem crescendo os holofotes sobre a atividade. Algumas das instituições mais famosas do país, como o Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC) e a Federação Brasileira de *Coaching Integral Sistêmico* (Febracis), registram em seus sites, respectivamente, mais de 500 mil e 30 mil *coaches* formados por meio de suas abordagens.

Teixeira (2015) cataloga informações importantes a respeito de referências aos 29 termos *coaching* e *coach*, ligados às áreas de carreira, emprego, negócios e finanças, em jornais como O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo. Fica patente que, principalmente, a partir dos anos 1990 há um crescimento nesses registros, seguindo o mesmo ritmo visto internacionalmente, e um boom de ocorrências depois dos anos 2000. Gráfico 1 - Ocorrências

dos conceitos de coach (acima) e coaching (abaixo) no jornal O Estado de São Paulo, por década; discriminação por caderno.



Fonte: Teixeira (2015)

Este capítulo apresenta as “ilusões biográficas”, personas digitais, construídas por expoentes do fenômeno do coaching financeiro que se destacam especialmente no meio digital: Pablo Marçal e Thiago Nigro, cujos trabalhos e discursos serão analisados e comparados mais profundamente no próximo capítulo. A "ilusão biográfica" é um conceito introduzido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para descrever a visão subjetiva que os indivíduos têm de suas próprias vidas. Segundo Bourdieu, a ilusão biográfica é a tendência natural das pessoas em construir narrativas idealizadas sobre suas próprias histórias, ignorando ou minimizando aspectos mais complexos, contraditórios e até mesmo conflitantes de suas experiências.

Sem dúvida, temos o direito de supor que a narrativa autobiográfica sempre é inspirada, ao menos em parte, pela preocupação de dar sentido, de dar razão, de identificar uma lógica por vezes retrospectiva, por vezes prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo-se relações inteligíveis, como aquelas dos efeitos das causas eficientes ou finais,

entre os estados sucessivos, constituídos como estágios de um desenvolvimento necessário (BOURDIEU, 1986, p.2)

Bourdieu argumenta que essa ilusão biográfica é uma manifestação do que ele chama de "ilusão de destino individual". Isso significa que as pessoas frequentemente atribuem um sentido linear e coerente às suas próprias trajetórias, criando uma narrativa contínua e lógica que enfatiza os sucessos e minimiza as adversidades ou momentos menos favoráveis.

Essa idealização da própria vida pode ter diversas origens, como a necessidade humana de criar coerência e significado, o desejo de se posicionar positivamente diante de outros indivíduos ou grupos sociais, e a influência das expectativas e valores culturais.

Bourdieu aponta que a ilusão biográfica pode ser problemática em termos sociológicos, pois ao se concentrar nas histórias individuais "bem-sucedidas" e linearmente construídas, pode-se negligenciar as estruturas sociais mais amplas que moldam e limitam as vidas das pessoas. Ou seja, ao focar na narrativa idealizada, ignora-se o contexto social, econômico e cultural que afeta e molda as experiências individuais.

Os acontecimentos biográficos são definidos como muitos posicionamentos e deslocamentos no espaço social, ou seja, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição das diferentes espécies de capital envolvidas em dado campo. (BOURDIEU, 1986, p. 7)

Portanto, para Bourdieu, a ilusão biográfica é um fenômeno comum no qual as pessoas constroem uma visão idealizada de suas próprias vidas, muitas vezes deixando de lado nuances e complexidades, o que pode obscurecer a compreensão das dinâmicas sociais mais amplas que influenciam as trajetórias individuais.

A história de vida de uma pessoa compartilhada na internet, seja em redes sociais, blogs pessoais ou outros canais, frequentemente reflete essa ilusão biográfica. Em tais relatos, é comum encontrar uma narrativa linear e coerente, onde os pontos altos são realçados, enquanto os momentos de fracasso, dúvida ou adversidade são minimizados, ou até mesmo omitidos.

Essas narrativas online muitas vezes destacam conquistas pessoais, superações notáveis e trajetórias de sucesso, criando uma espécie de "arco narrativo" que se alinha perfeitamente com o ideal de uma vida bem-sucedida. Contudo, esta representação cuidadosamente construída pode ocultar aspectos cruciais e complexos da vida real.

A ilusão biográfica, conforme conceituada por Bourdieu, está intrinsecamente ligada à tendência natural de simplificar a própria história para criar uma narrativa mais palatável e coerente, não apenas para o público, mas também para o próprio indivíduo. Ao publicar suas histórias online, muitos indivíduos são levados a apresentar versões idealizadas de si mesmos, negligenciando as nuances, incertezas e contradições que são inerentes à vida.

Essa abordagem se relaciona diretamente com a análise de Bourdieu sobre como as pessoas constroem narrativas lineares e lógicas de suas vidas, ignorando os complexos sistemas sociais, econômicos e culturais que influenciam suas experiências. Na tentativa de apresentar-se de uma forma favorável, a ilusão biográfica pode ofuscar a compreensão das estruturas mais

amplas que moldam e limitam as vidas das pessoas; individualismo típico da concepção de mundo neoliberal.

Agora serão apresentadas as “ilusões biográficas” dos dois coaches escolhidos como alvo de estudo deste trabalho, selecionados após uma investigação virtual extensa, por se tratarem de exemplos contemporâneos muito relevantes e que representam duas abordagens distintas do fenômeno que se pretende pesquisar. O primeiro, Pablo Marçal, escolhido para a pesquisa por representar a parcela - grande - de coaches com perspectivas próximas a teologia da prosperidade.

1. Pablo Marçal

Pablo Marçal é um coach financeiro, empreendedor e criador de conteúdo digital de destaque. Se define em seu site oficial (<https://metodoip.com.br/>) como: “Multiempreendedor, mentor, escritor, piloto de corrida e investidor. Hoje, lidera como CVO (*Chief Visionary Officer*) um grupo multibilionário nos ramos imobiliário, digital, ensino, seguros, vendas, automobilístico, aviação, tecnologia, hotelaria, fazenda e outros”. É autor de mais de 25 livros, incluindo alguns *bestsellers*, mentor, estrategista de negócios, especialista em marketing e jurista por formação. Marçal se destacou nos últimos anos por ensinar inteligência emocional, empreendedorismo e liberdade financeira, assim se tornando um dos maiores nomes no mercado digital da América Latina.



MétodoIP

27 e 28 de Setembro em Alphaville, SP

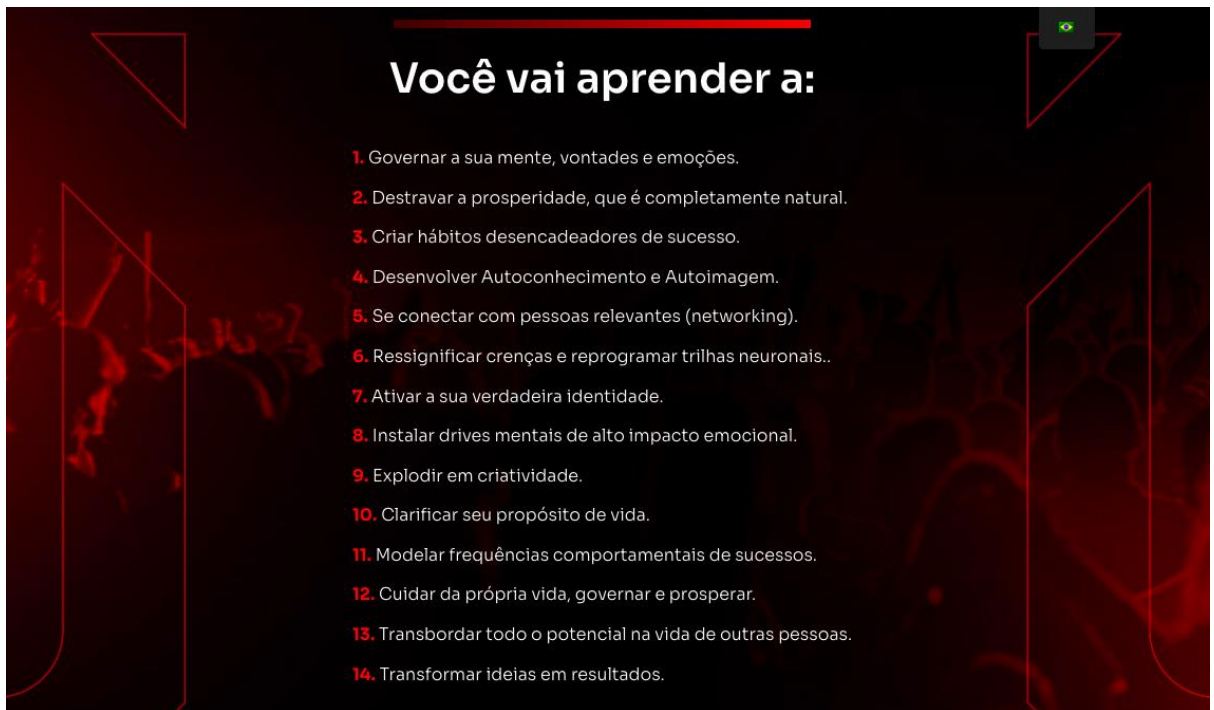
Conheça o novo Método IP! São 2 dias para ativar sua identidade, clarificar o seu propósito e descobrir como prosperar em todas as áreas da sua vida

Uma metodologia única desenvolvida para quem quer prosperar de verdade em todas as áreas da vida. Mais de 130 turmas e milhares de pessoas impactadas que estão mudando suas vidas, famílias e negócios

QUERO ATIVAR AGORA

Fonte: <https://metodoip.com.br/>

Também em seu site oficial, em um vídeo sobre sua história de vida, conta que trabalhando como colaborador em uma empresa familiar conseguiu conquistar seu primeiro milhão de reais, aos 27 anos. Após isso, Marçal pediu demissão do cargo e partiu para o mundo das consultorias. Em seu primeiro contrato como consultor, Pablo conta que ganhou 4 vezes mais do que ganhava antes, e entendeu ali duas coisas: “seu talento para ensinar, e como isso era rentável.” A partir disso, expandiu suas consultorias e mentorias até criar o “Método IP”, que é o seu programa de “treinamento de inteligência emocional e prosperidade”. O Método IP foi o primeiro produto de Pablo Marçal e é, segundo ele, um treinamento de inteligência emocional baseado em “Programação Neurolingüística” com foco em desbloqueios cerebrais, ativação da identidade e clarificação de propósito.



Fonte: <https://metodoip.com.br/>

Inicialmente o programa era aplicado e divulgado de maneira *offline*. Porém, ao descobrir o potencial da internet, Pablo migrou para o digital, e foi aí que explodiu em termos de audiência. Ao observar detalhadamente a produção do influenciador identifiquei que Pablo não esconde seu sucesso financeiro: mora em uma grande mansão em Alphaville, São Paulo, e possui uma coleção de carros importados. Também possui um avião particular, no qual, além viajar a trabalho e lazer, realiza mentorias com convidados e amigos. Apesar de ainda não ter saído na Forbes como bilionário, Marçal já afirmou em suas lives que já visualizou isso, e que é questão de tempo para acontecer. Em 2022, ao se candidatar à Presidente da República, Pablo Marçal declarou sua fortuna em quase 100 milhões de reais. O patrimônio declarado por Pablo inclui participações societárias em diversas empresas, ações de empresas públicas, imóveis, participação em fundos de investimentos e diversas aplicações financeiras.

Com 6,2 milhões de seguidores no Instagram e 2,33 milhões de inscritos no Youtube, Pablo Marçal diz alcançar hoje através da internet mais de 10 milhões de contas todos os meses

com os seus conteúdos. Separei os principais produtos e serviços que Marçal oferece em cinco categorias:

1. **Cursos e Treinamentos:** Pablo Marçal ministra cursos online e presenciais, nos quais compartilha estratégias e princípios fundamentais sobre planejamento financeiro, investimentos e construção de patrimônio.
2. **Mentoria Financeira:** Ele oferece serviços de mentoria financeira personalizada para auxiliar as pessoas a desenvolverem um plano financeiro adaptado às suas necessidades e objetivos específicos.
3. **Palestras e Workshops:** Pablo Marçal realiza palestras e workshops em eventos, empresas e instituições educacionais para disseminar conhecimento sobre educação financeira, motivando e inspirando seu público.
4. **Conteúdo Online:** Pablo Marçal mantém uma presença forte na internet, compartilhando conteúdo educativo em seu canal do YouTube e redes sociais, abordando tópicos relevantes sobre finanças pessoais e investimentos. Tem um site onde hospeda a venda de um “guia prático” de inteligência emocional, que custa R\$ 497 à vista. “Elimine o seu vitimismo e transforme qualquer caos em energia para prosperar!”, diz a chamada.
5. **Livros e Publicações:** Ele é autor de livros e materiais educativos que oferecem insights e orientações práticas para aqueles que desejam melhorar suas habilidades financeiras. Entre os mais vendidos estão os títulos: “Antimedio”, “O Destruar da Inteligência Emocional”, “Como Fazer Um Milhão Antes dos 20”, “Oito Caminhos Que Levam à Riqueza”, “Os Códigos do Mindset da Prosperidade”, “A Chave Mestra do Universo”, “A Arte Da Guerra – comentada por Pablo Marçal”, “Destruar Digital”, “Os Códigos

do Milhão”, “O Pior Ano da Sua Vida”, “A Bíblia Que Você Não Leu”, “Saia do Caixão”, “Vá Cuidar da Sua Vida”, “A Destruição do Marxismo Cultural”, “Lavagem Cerebral” e “As Sete Camadas da Identidade”.



Fonte: <https://metodoip.com.br/>

Em suas lives no YouTube, Pablo Marçal constantemente fala que possui várias empresas e negócios. Em uma de suas últimas lives, Pablo afirmou que tinha 26 empresas. Em seu LinkedIn ele lista as seguintes empresas que fundou:

1. PLX

2. XGrow
3. Marçal Digital
4. XFour
5. XBranding
6. Resort Digital

Marçal se orgulha de ser professor de quase 1 milhão de alunos em mentorias e cursos na internet. Também é conhecido por alguns episódios que se tornaram polêmicas públicas, seguem três exemplos:

1. Nas eleições de 2022, tentou se candidatar à Presidência pelo PROS, mas o partido cancelou o registro de candidatura do *coach* para apoiar Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Diante do revés, Marçal se tornou cabo eleitoral de Jair Bolsonaro (PL), para quem fez campanha, e disputou o cargo de deputado federal. No primeiro semestre de 2023, foi alvo de uma operação da Polícia Federal que o investiga pelos crimes eleitorais de falsidade ideológica, apropriação indébita e lavagem de capitais.
2. No começo de junho de 2023, o jovem Bruno da Silva Teixeira, de 26 anos, funcionário de Marçal, morreu durante uma “maratona surpresa” organizada pela empresa, vítima de uma parada cardiorrespiratória. O trecho tinha 42 quilômetros, e o rapaz faleceu no 15°. Na primeira manifestação sobre o ocorrido, o coach decidiu colocar o nome do rapaz no tênis, como homenagem. Hoje ele é investigado pela Polícia Civil pela morte.

3. Outro episódio de grande repercussão envolvendo o *coach* foi uma expedição que ele guiou até o Pico dos Marins, na Serra da Mantiqueira, em janeiro de 2022. O percurso, de 2.420 quilômetros, é considerado difícil, exige acompanhamento profissional, equipamentos específicos e preparo físico. As 32 pessoas que acompanhavam Marçal e o próprio coach precisaram ser resgatados por uma operação dos Bombeiros. Uma ordem judicial proíbe que ele realize novas expedições similares sem autorização prévia da Polícia Militar.

O segundo coach selecionado para investigação é Thiago Nigro. Escolhido por ser um dos maiores expoentes na internet do coaching financeiro e exemplo de abordagem muito voltada para o mercado de “empreendedorismo digital” e classicamente neoliberal.

2. Thiago Nigro

Thiago Nigro é um renomado coach financeiro e empreendedor brasileiro criador de um canal do YouTube com 6,95 milhões de inscritos chamado “O Primo Rico”. Através principalmente deste canal do Youtube e seu instagram com quase 9 milhões de seguidores, Thiago diz que seus conteúdos são acompanhados por cerca de 15 milhões de pessoas todos os meses.



Fonte: <https://www.oprimorico.com.br/thiago.nigro/>

Oferece uma variedade de produtos e serviços voltados para a educação financeira e investimentos. Seu site oficial diz que o cerne do que vende é conhecimento e orientação para ajudar as pessoas a entenderem e melhorarem suas finanças pessoais. Seus principais produtos e serviços incluem:

1. Canal no YouTube: Thiago Nigro é amplamente conhecido por seu canal no YouTube, "O Primo Rico", onde compartilha vídeos informativos sobre investimentos, planejamento financeiro e estratégias para construir riqueza.
2. Cursos e Treinamentos: Ele oferece cursos online pagos, como o "Investidor de Sucesso" e o "Semana da Independência Financeira", que fornecem um guia passo a passo para ajudar as pessoas a investirem de forma mais eficaz e a alcançarem a independência financeira.

3. Livros: Thiago Nigro é autor do livro "Do Mil ao Milhão: Sem Cortar o Cafezinho", no qual compartilha suas experiências pessoais e estratégias de investimento. Seu livro é um best-seller no Brasil e se tornou uma referência na área financeira.
4. Palestras e Eventos: Ele realiza palestras e participa de eventos relacionados a finanças pessoais, investimentos e empreendedorismo, onde compartilha seu conhecimento e experiência com o público.
5. Consultoria Financeira: Thiago Nigro oferece consultoria financeira personalizada para aqueles que desejam orientação específica em seus investimentos e planejamento financeiro.

CURSO: DO MIL AO MILHÃO



Sua vida financeira nas suas mãos

Mude sua vida financeira e acelere seu processo de enriquecimento para viver de renda. Você vai aprender a investir e ganhar mais dinheiro com quem **REALMENTE** vive na pele o que ensina, e tem resultados consistentes com isso.

O curso já conta com mais de **20.000** alunos online e tem contribuído cada vez mais para melhorar a vida financeira das pessoas.

Veja alguns números de quem participou do curso Do Mil ao Milhão:



SAIBA MAIS

Fonte: <https://www.oprimorico.com.br/thiago.nigro/>

Em um vídeo de apresentação em que conta sua história de vida, diz que aos 18 anos de idade recebeu de presente dos pais a quantia de R\$ 5 mil, e resolveu investir tudo na bolsa de valores – ideia que surgiu ao assistir filmes sobre o assunto e achar que seria uma ótima

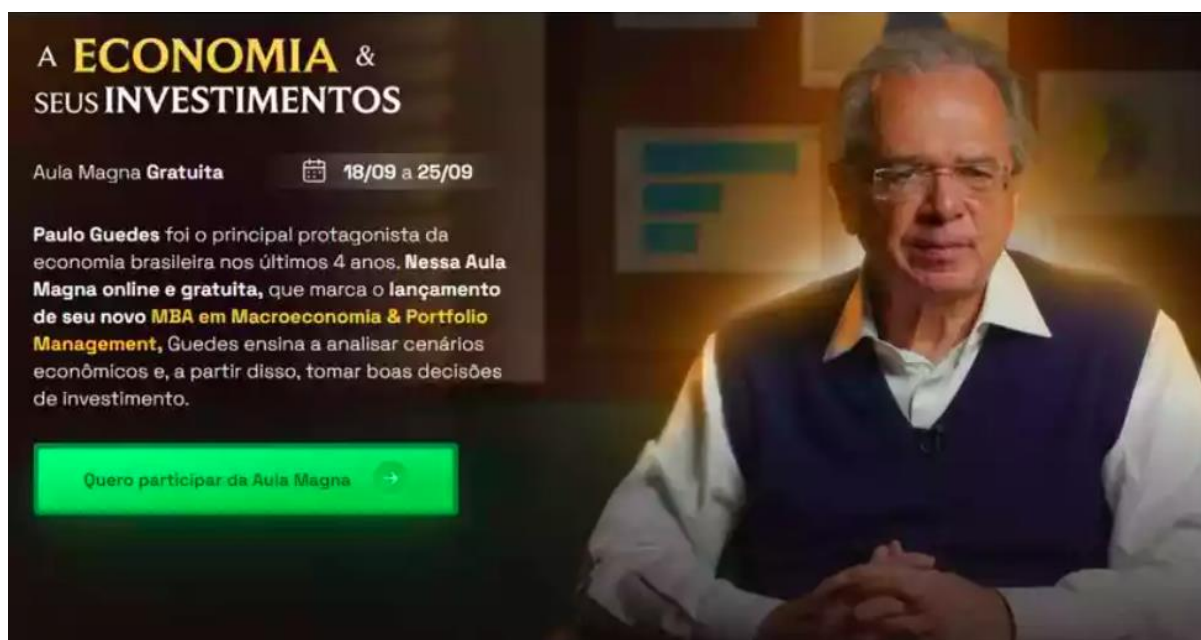
oportunidade para ficar rico, e perdeu tudo em uma semana. Conta que foi em razão desse “pequeno deslize no começo de sua carreira como investidor” que o influenciador foi atrás de adquirir mais conhecimento sobre o assunto, estudando e fazendo cursos na área. Em um ano de estudos, Nigro tirou cinco certificações: Educar Master (BM&F Bovespa), CPA-20 (ANBIMA), Agente autônomo de investimentos (ANCORD), Operador no mercado de ações (ANCORD) e Treinamento Mega Bolsa (BM&F Bovespa). Antes de ser influenciador digital, Nigro era sócio de uma empresa de assessoria de investimentos, a M Nigro Investimentos – que em meses já contava com 55 funcionários e cinco mil clientes, até vender sua parte no negócio, em 2017 – mais ou menos um ano após criar seu canal no youtube.

Atualmente, a sua empresa é conhecida como “Grupo Primo” e está em crescente expansão, incluindo a *Finclass*, uma plataforma de aulas sobre finanças e investimentos com alto nível de produção audiovisual, e a *Staage*, plataforma de marketing para acessar os bastidores de grandes lançamentos digitais. Com o crescimento da marca e o universo digital, além do YouTube, Thiago Nigro fala sobre finanças em diversas plataformas e formatos, como o “Primocast” – *podcast* sobre finanças e negócios.

Além do mundo digital, o “Primo Rico” escreveu o livro “Do Mil ao Milhão: sem cortar o cafezinho”, ensinando as pessoas a gerirem melhor suas finanças. Assim como as plataformas digitais, o livro se tornou um best-seller, sendo um dos mais vendidos no país.

O tamanho do sucesso financeiro e de audiência deste *coach* é tamanho, que Thiago vai lançar um curso MBA (*Master in Business Administration*) ao lado do ex-ministro da Economia do governo Jair Bolsonaro (2019-2022), Paulo Guedes. O curso foi anunciado em agosto deste ano, por uma publicação colaborativa entre os dois no Instagram e uma reportagem do Estadão. O MBA digital em Macroeconomia e *Portfolio Management* vai focar em como a

avaliação do cenário macroeconômico pode ajudar na tomada de decisões de investimento.



A ECONOMIA & SEUS INVESTIMENTOS

Aula Magna **Gratuita** 18/09 a 25/09

Paulo Guedes foi o principal protagonista da economia brasileira nos últimos 4 anos. **Nessa Aula Magna online e gratuita**, que marca o lançamento de seu novo **MBA em Macroeconomia & Portfolio Management**, Guedes ensina a analisar cenários econômicos e, a partir disso, tomar boas decisões de investimento.

Quero participar da Aula Magna

Fonte: <https://www.oprimorico.com.br/thiago.nigro/>

Ambos os coaches, Pablo Marçal e Thiago Nigro, têm ganhado destaque por sua atuação no campo da educação financeira e investimentos. As duas “ilusões biográficas” apresentadas destes coaches virtuais divergem entre si mas se encontram em um ponto essencial: tratam-se de edições bem estruturadas do perfil idealizado de um homem de sucesso, o sujeito neoliberal ideal. Na construção dessa ilusão, o foco está na narrativa de um indivíduo empreendedor, bem-sucedido e autossuficiente. O destaque é dado aos marcos de sucesso, superações e conquistas pessoais, enquanto obstáculos, falhas ou desafios são minimizados ou omitidos.

Através de suas plataformas digitais, como os dados biográficos postados nas redes sociais colocados em evidência demonstram e qualificam, ambos os coaches utilizaram estratégias e narrativas cuidadosamente elaboradas para retratar uma versão idealizada de suas

vidas, alinhada com os preceitos do neoliberalismo. Tanto Pablo Marçal quanto Thiago Nigro enfatizam a importância do conhecimento financeiro e do investimento como ferramentas para capacitar os indivíduos a controlar suas próprias finanças e buscar autonomia econômica. Ambos os coaches tendem a enfatizar a responsabilidade individual no gerenciamento financeiro, encorajando as pessoas a assumir o controle de suas decisões econômicas e investimentos. Eles frequentemente destacam a importância do empreendedorismo, investimento e inovação como caminhos para o sucesso financeiro e a construção de riqueza.

A ilusão biográfica construída na internet reforça a ideia de que o sucesso é uma consequência direta do esforço individual e do mérito, subestimando as influências externas, estruturais e contextuais. A imagem construída reflete o ideal de uma pessoa autônoma, inovadora e próspera, frequentemente exibindo um estilo de vida que representa consumo, empreendedorismo e realizações materiais.

Essa ilusão biográfica é resultado de uma curadoria cuidadosa das experiências compartilhadas online. Fotos, vídeos e relatos são selecionados para criar uma narrativa linear e coerente de uma vida bem-sucedida, evidenciando uma versão otimizada da realidade. Contudo, essa construção virtual pode, em muitos casos, esconder as complexidades da vida real e as influências estruturais e sociais que moldam as experiências individuais.

Ao construir uma ilusão biográfica de um sujeito neoliberal de sucesso, os coaches podem promover sua imagem, seus produtos - cursos, mentorias, livros - e também os valores e ideais associados ao neoliberalismo. A análise do impacto de Pablo Marçal e Thiago Nigro na esfera digital revela uma construção cuidadosa de uma ilusão biográfica que ecoa os princípios e valores associados ao neoliberalismo, sob a ótica do sucesso financeiro e pessoal.

CAPÍTULO 3 - Pastores do neoliberalismo: análise e comparação de vídeos

Neste capítulo será feita uma análise e comparação de um vídeo no Youtube de cada um dos nossos dois coaches selecionados para esta pesquisa. O recorte escolhido é apenas uma ínfima parte de um conteúdo muito variado disponível on-line. Há inúmeras pessoas produzindo vídeos, podcasts, palestras, e-books, “lives” etc sobre empreendedorismo, mercado financeiro, autoajuda, “coaching” e outras técnicas e conhecimentos voltados para o sucesso profissional e pessoal. Desta forma, lançam-se neste oceano de produção todos os tipos de conhecimentos cuja via de legitimação não é tão clara num primeiro momento, e os sujeitos a pronunciar termos como “empreendedorismo” e “inovação”, lançam suas próprias variações de significado ao se apropriarem do termo. Este contexto refere-se a uma contemporaneidade caracterizada por uma perspectiva profundamente neoliberal e uma abundância extrema de fluxo de informações, possibilitando a criação de diversas concepções. Foram selecionados para esta pesquisa apenas dois vídeos, um de Thiago Nigro e um de Pablo Marçal, com títulos e temas semelhantes na tentativa de analisar um pouco mais a fundo as aproximações e diferenças entre estes dois. Observaremos como isso se evidencia nos depoimentos que foram analisados, que embora entendidos como apolíticos pelo senso comum, por se tratar de uma visão de mundo amplamente disseminada e naturalizada, justamente por ser baseada na ideologia dominante.

Como exposto no capítulo anterior, o empresário e coach de finanças Thiago Nigro construiu notoriedade através de um canal no youtube chamado "O Primo Rico", em que aborda uma variedade de tópicos financeiros, incluindo dicas para economizar dinheiro, estratégias de investimento, planejamento financeiro pessoal e insights sobre o mercado financeiro. O

primeiro vídeo selecionado, que foi publicado em seu canal em 19 de dezembro de 2019 e hoje acumula mais de 3 milhões de visualizações, é intitulado “*O QUE EU FARIA SE TIVESSE QUE COMEÇAR DO ZERO? | Faria 1 milhão em 6 meses?*”

O vídeo gerou grande repercussão na época de seu lançamento, viralizou na internet e recebeu muitas críticas nas redes sociais. Nele, o coach de finanças faz contas para mostrar como ‘qualquer um’ pode economizar, mesmo ganhando pouco. No vídeo, Thiago sugere que uma pessoa que ganha pouco mais de um salário mínimo passe a gastar R\$ 1 mil com moradia, R\$ 300 com mercado, R\$ 150 com "utilidades" e separe R\$ 270 para investir.

O investimento inicial, segundo ele, seria em conhecimento, por meio de aquisição de livros de finanças e empreendedorismo. Com o aprendizado dos livros, a ideia seria fazer vídeos para a internet e alcançar o primeiro milhão em até 6 meses com a monetização dos vídeos na plataforma, parcerias com marcas e vendas de cursos on-line.

Além dos questionamento em redes sociais, a teoria de Primo Rico também encontra resistência nos números oficiais, como os do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) referente a 2019, quando o vídeo foi veiculado, ano em que o preço médio da cesta básica era cerca de R\$ 506,50. Pela projeção do Dieese, uma família com quatro pessoas precisaria de R\$ 4.345 para viver naquela época, montante 4,35 vezes o salário mínimo vigente em 2019, R\$ 998.

As proposições apresentadas por Thiago Nigro revelam uma abordagem que se alinha muito claramente com princípios associados ao neoliberalismo, conforme discutido no capítulo 1 deste trabalho, especialmente no que diz respeito à ênfase na responsabilidade individual,

completamente desconectada das condições materiais reais da população brasileira. Abaixo estão algumas análises dos pontos mais relevantes ditos no vídeo:

Thiago Nigro enfatiza a importância do conhecimento e da capacidade individual de transformá-lo em sucesso financeiro. Em um momento do vídeo, destaca a escolha entre ter 10 milhões de reais sem conhecimento ou começar de novo com conhecimento, favorecendo a segunda opção. Sua fala defende uma perspectiva “empreendedora” ao sugerir que, mesmo começando como barman, é possível construir um caminho para o sucesso financeiro. Sugerindo a leitura de livros de finanças, ele defende que “ter dinheiro não é suficiente para ser verdadeiramente rico”, a ênfase é colocada em adquirir conhecimento, que é apresentado como uma ferramenta essencial para multiplicar a riqueza. O que essa posição esconde é que o acesso à educação formal é algo ainda restrito na sociedade brasileira, e também que mesmo com acesso a conhecimento formal e informal sobre investimentos, as condições materiais das pessoas são o que as impedem de enriquecer. A menção às dificuldades enfrentadas por aqueles de origens culturais e educacionais desfavorecidos transparece sua visão de mundo meritocrática, tipicamente neoliberal. Thiago Nigro utiliza algumas experiências pessoais como exemplo, como trabalhar como barman enquanto estudava, para acrescentar uma dimensão pessoal ao discurso, na tentativa de ilustrar a viabilidade de seu método - se ele conseguiu, todos devem conseguir, é só se esforçar! - mas não menciona que tem origem de família rica, o que tornaria impossível comparar sua trajetória de enriquecimento com as tentativas de milhares de brasileiros de origem pobre. Em outro momento do vídeo, o coach sugere trabalhar de graça para pessoas ricas e bem-sucedidas, em busca de conhecimento prático e networking. O que essa fala desconsidera é que uma pessoa que não já seja rica jamais teria tempo para e condições de trabalhar de graça, muito menos acesso a pessoas ricas para conseguir essas “oportunidades de aprendizado”. Thiago propõe neste vídeo uma idealização de como se tornaria milionário rapidamente se “começasse do zero” através de investimentos

e monetização de vídeos na internet, mas considera que em seu “começar do zero” teria contatos de pessoas ricas, tempo para trabalhar de graça além de trabalhar para o sustento, e faz contas completamente irreais de quanto dinheiro “sobraria para investimentos” a partir de um salário mínimo.

O vídeo escolhido do outro coach selecionado para esta pesquisa foi: “*COMO GERAR RIQUEZA DO ZERO - PABLO MARÇAL*”, que consiste em um trecho retirado de uma palestra de Pablo Marçal em seu curso “*Desbloqueio da Mente Milionária*”. Publicado em 5 de jan. de 2020 e hoje com mais de 2 milhões e 700 mil visualizações, o discurso do coach Pablo Marçal neste vídeo de pouco mais de trinta minutos abrange temas como identidade, espiritualidade, prosperidade, networking, relacionamentos e comprometimento com propósitos maiores, promovendo uma abordagem mais holística em relação ao sucesso e à riqueza. Abaixo estão algumas análises a respeito dos pontos mais relevante ditos por Marçal no vídeo:

Existe um grande foco na questão da identidade pessoal, o coach encoraja a exercitar a mente para ativar a visão e compreender a própria identidade, ele aborda a necessidade de aceitar sua identidade para “ativar o processo de ser próspero”. Sua palestra inclui elementos espirituais, como a referência a Deus, a história de Lúcifer e a importância de se alinhar com o propósito divino, e a relação desse propósito com o enriquecimento. Há uma ênfase na importância de exercitar a mente e visualizar metas, ele compartilha sua experiência de visualização para alcançar objetivos, compartilha experiências pessoais, como a situação em que não foi convidado para uma viagem, mas após “visualizar” participar da viagem, recebeu um convite. Também, similarmente a Thiago, enfatiza que network vale mais que dinheiro, ao argumentar algumas vezes que “85% dos resultados dependem das pessoas com as quais você se conecta”. Ele também diz repetidas vezes que “prosperidade não é pecado”, e encoraja sua

plateia a “aceitar a própria identidade para desbloquear a prosperidade”. Repetidas vezes se refere a “mentalidade de pobreza” ou “de escassez”, afirmando que a riqueza tem um propósito e que é natural. Em um momento do vídeo, o coach diz explicitamente que “tem gente que diz que eu sou da teologia da prosperidade, quem fala isso é porque é da teologia da escassez”.

A teologia da prosperidade é uma corrente religiosa que enfatiza a ideia de que a fé em Deus leva à prosperidade financeira e material. Em um momento do vídeo, o coach diz que “Tem gente que diz que eu sou da teologia da prosperidade; quem diz isso que é da teologia da escassez”. Pablo faz várias referências à prosperidade, como a relação entre Deus e a riqueza, ao dizer e repetir durante a palestra que “Deus é rico” e por todos serem “feitos à sua imagem e semelhança”, não se deve “temer” a riqueza, e sim almejá-la. importância do networking, e a crença de que a riqueza é natural. Esses elementos se alinham à teologia da prosperidade, que associa a fé a conquistas materiais. De acordo com Hugo Gonçalves, Clécio dos Santos e Isabelly Lima em “A ética neopentecostal e o espírito do neoliberalismo: elementos da retórica bolsonarista”:

“Para os adeptos e seguidores dessa teologia, o sucesso econômico e a conquista de riquezas são expressões de bênçãos advindas de Deus, possibilitadas e almejadas pelo uso da fé. O impulso para o consumo e a ênfase pragmática no usufruto de bens materiais passa a ocupar lugar de destaque, animando, concomitante, uma postura desafiada ao sofrimento, à valorização da pobreza e expectativa de um Paraíso após este mundo. Embora a noção de prosperidade não se restrinja ao âmbito financeiro, englobando diversas áreas da vida daqueles que frequentam os cultos e as experiências rituais das igrejas que a apregoam, é no âmbito das práticas econômicas que se desdobram as mais emblemáticas polêmicas acerca das igrejas (neo)pentecostais. É nesse aspecto também que a Teologia da Prosperidade, ao colocar em destaque a questão financeira individual,

converge com os princípios do neoliberalismo (...) “ (GONÇALVES; SANTOS; LIMA, 2022 ,p. 8)

O discurso de Thiago Nigro reflete uma abordagem aparentemente “técnica” e individualista para alcançar o sucesso financeiro, alinhando-se a princípios associados ao neoliberalismo, como empreendedorismo, responsabilidade pessoal e ênfase na educação como meio de transformação econômica.

Pablo Marçal apresenta uma mistura de temas que incluem espiritualidade, prosperidade, e críticas ao sistema religioso. Vamos analisar como esses elementos se relacionam com o neoliberalismo e a teologia da prosperidade. Faz várias referências à prosperidade, como a relação entre Deus e a riqueza, a importância do networking, e a crença de que a riqueza é natural.

Thiago Nigro destaca a importância do conhecimento e da educação financeira em seus vídeos. Sua abordagem muitas vezes enfatiza o empreendedorismo digital como um caminho para o sucesso financeiro. Frequentemente destaca a ideia de meritocracia, onde o sucesso está ligado à capacidade individual de superar obstáculos. Pablo Marçal incorpora princípios da teologia da prosperidade, que muitas vezes está associada a crenças religiosas, sugerindo que a prosperidade financeira é um sinal de bênção divina. Sua abordagem inclui a ideia de que a fé e a espiritualidade podem ser componentes essenciais para alcançar o sucesso financeiro.

Enquanto Thiago Nigro baseia sua abordagem em princípios de educação financeira e empreendedorismo, Pablo Marçal incorpora princípios religiosos na busca do enriquecimento. Nigro enfatiza a responsabilidade individual, mérito e aquisição de conhecimento, Marçal mantém esses pressupostos como necessários para sucesso financeiro, mas inclui elementos de fé, espiritualidade e acreditar que a prosperidade é uma manifestação da vontade divina.

Thiago e Pablo, mesmo com abordagens diferentes, se baseiam nos mesmos princípios neoliberais em seus vídeos. Ao enfatizar a responsabilidade individual, o empreendedorismo e a meritocracia, alinham-se a uma perspectiva condizente com a ideologia dominante capitalista. Esses princípios são inerentes à manutenção do sistema, pois perpetuam a ilusão de que o sucesso ou o fracasso são exclusivamente determinados pelos esforços individuais, ocultando as contradições estruturais do capitalismo. O crescimento do mercado de coaching não é mero efeito da flexibilização do trabalho, o universo desses profissionais é muito próximo do ambiente e linguagem das igrejas neopentecostais. A diferença entre a teologia da prosperidade defendida por Marçal e a meritocracia liberal defendida por Nigro está na aparência, pois a essência de suas proposições é a mesma. Afinal, a busca desesperada por prosperidade não é apenas aplicar a vida do fiel a mesma coisa que se aplica a uma empresa? Por esta razão que conversas sobre empreendedorismo, anti-política e negação de toda e qualquer ação social que não seja voltada para o lucro individual são valorizadas não só entre os coaches como nas igrejas. Não coube ao escopo deste trabalho investigar a fundo as relações entre neopentecostalismo e o mercado de coaching, mas é uma questão relevante a ser apontada dado o exemplo escolhido.

“O ponto central que converge à ética protestante e o espírito neoliberal é a concepção de prosperidade a partir de uma perspectiva economicista, de acumulação material individual; desconsiderando as relações históricas que condicionam a “prosperidade” de uns e a miséria de outros, também desconsiderando outras culturas sociais além da sociedade capitalista e seus pressupostos na percepção de bem-estar.”
(GONÇALVES; SANTOS; LIMA, 2022, p.25)

Para o coach, é crucial que seus mentorandos internalizem que seus resultados em qualquer área da vida dependem inteiramente de suas ações porque reconhecendo essa natureza é que podem se responsabilizar por tudo. Como Dardot e Laval apontam, “hoje, a epimeleia [cuidado de si] consistiria em ‘gerir um portfólio de atividades’, desenvolver estratégias de aprendizagem, casamento, amizade, educação dos filhos, a administrar o ‘capital da empresa de si mesmo’”.

“a vontade de realização pessoal [...] a motivação que anima o colaborador da empresa, enfim, o desejo com todos os nomes que se queira dar a ele é o alvo do novo poder [neoliberal]” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 327).

O pensamento já normalizado de que “deveria fazer um curso para enriquecer meu currículo”, “deveria aprender uma língua”, “deveria ler mais livros” ou qualquer outra variação que expresse o “dever melhorar” meu eu encontra no coach seu maior incentivador, aquele que fornecerá não só as razões para se continuar nesse caminho - papel já muito bem desempenhado por nós mesmos -, mas, principalmente, as ferramentas específicas para que seja realizado o upgrade. Sabemos que precisamos produzir mais e de forma mais eficaz, mas como? Aqui está o seu intercessor, o coach! Nas palavras de Dardot e Laval (2016) é criada “uma gestão da alma”, a qual se entende como esse desenvolvimento pessoal contínuo e eterno intrinsecamente ligado a uma finalidade racional. Essa concepção está conectada à ilusão de total liberdade de escolha – para ser quem quiser, comprar o que quiser, trabalhar com o que preferir, sem perceber as pré-selecionadas opções –, a qual, está entrelaçada com a autculpabilização e autorresponsabilização, muito bem ilustradas pelos exemplos de Nigro e Marçal. Não é mais estranho que palavras do mundo gerencial sejam apropriadas e trazidas para o dia a dia, a racionalidade neoliberal se trata exatamente disso.

A racionalidade neoliberal conseguiu com sucesso criar uma ferramenta que, aparentemente, te dá liberdade e controle sobre cada aspecto de sua vida. Não há como negar que podemos fazer escolhas e essas terão consequências, porém o coaching se sustenta no discurso de que temos toda liberdade para escolher e todo controle sobre nossas circunstâncias, seja para alterá-las ou não, apagando todo contexto de desigualdades social e econômica que vivemos e que, de uma maneira ou outra, define de que forma vamos ser lidos pelas instituições sociais.

O empreendedorismo, como veículo da ideologia neoliberal, está se espalhando rapidamente, ganhando espaço em um contexto em que outros discursos, especialmente os de esquerda, estão perdendo credibilidade. O aumento do lobby em torno de políticas de austeridade, a supressão do bem-estar social, crises previdenciárias e o aumento do desemprego estrutural contribuem para o crescimento do medo da inutilidade, promovendo a competição como a única saída e enfatizando a meritocracia.

Estas consonâncias entre as manifestações orais analisadas facilitam a penetração do discurso em várias camadas da sociedade. Desde executivos empresariais que adotam serviços de coaching até políticas de fomento ao empreendedorismo para classes mais baixas, o empreendedorismo está se tornando uma solução abrangente para diversos problemas, incluindo a insatisfação no emprego, a criação de negócios sociais e até mesmo a solução da pobreza.

Estas concepções estão se expandindo para questões não exclusivamente econômicas. Ao buscar novos campos, a ideologia do “empreendedorismo” não abandona suas raízes; pelo contrário, ele formata os campos que penetra, introduzindo uma cosmologia que substitui as bases pré-existentes.

A penetração do discurso em questões pós-modernas, como a redução das opressões relacionadas a gênero, sexualidade e cor da pele, sugere uma adaptação do empreendedorismo a essas mudanças sociais. Empresas exploram essas questões em campanhas publicitárias, atraindo um público engajado que, por sua vez, se inspira em grandes empreendedores e suas histórias de sucesso, como dos próprios coaches escolhidos para esta pesquisa.

A potência dos discursos sobre grupos e indivíduos na era da informação é destacada, ressaltando a necessidade de uma análise constante diante da velocidade com que a informação circula. O empreendedorismo, em sua disseminação global, exige uma atenção cuidadosa para compreender suas consequências positivas e negativas. A análise dessas manifestações é fundamental para compreender e avaliar os impactos políticos desses enunciados na era digital, buscando evitar a propagação inconsciente de ideias e suas implicações políticas.

O real problema por trás do coaching não está em sua formação extra-acadêmica, nos seus termos em inglês fora de contexto ou no seu conteúdo raso, está em sua visão de mundo - da mercadologização da vida e individualização ao extremo . O coach é aquilo que a própria palavra diz, em inglês, é o técnico da equipe ou o treinador do atleta que precisa vencer uma

partida. E afinal, é isso que todo coach nos enoja de repetir de todas as maneiras possíveis: superação, vitória, desenvolvimento, expandir o seu potencial etc.

No mundo neoliberal, em que nos dizem que devemos ser os empreendedores de nós mesmos, em que nossas escolhas são medidas como investimentos, e que nossa vida precisa ser gerida como uma empresa que não pode deixar nunca de crescer, o coaching é a cereja do bolo. Neste universo, a vida se esvazia de qualquer outra possibilidade de sentido. Tudo se torna uma oportunidade de crescimento, superação, despertar de potencial, ou qualquer coisa mais piega. Então a vida passa a funcionar numa certa lógica empresarial. Agora a empresa se chama "Você S.A.". É preciso empreender, ser gestor de si próprio, se especializar o tempo inteiro, consumir cultura, alimentar a network - tudo se torna investimento em prol de um retorno financeiro!

E numa sociedade tão preocupada com esses termos, não é de se estranhar como as pessoas tanto se queixam de culpa em auto recriminação, ansiedade diante dos seus desejos, depressão por se verem distantes de seus ideais. O coaching faz parte de naturalizar a ideia de que a vida é uma batalha e que precisamos sair vencedores dela. Por trás da ideia de que não devemos nos conformar com as limitações e que podemos superá-las, o coaching promove um sentimento de inadequação.

Isto é, nunca produzimos o suficiente com nosso trabalho, o dinheiro que eu ganho não basta para aquilo que eu quero comprar, meu corpo necessita de dietas e exercícios especiais para ser bonito como o pessoal do Instagram, e por aí vai.

As promessas do coaching geralmente estão em torno de questões de consumo, produtividade e ostentação. Ao invés de questionar a origem desses estranhos ideais—e talvez pensar que não é a forma mais saudável ou sábia de viver—o coaching e o mercado neoliberal se alimentam do sentimento de insatisfação com nossas vidas, relações, economias, corpos etc. Um mercado que lucra com o inadequado, o insuficiente. Diria Thiago Nigro ou Pablo Marçal que o problema não é a sociedade ou esse modelo de pensamento... é você que não está trabalhando bem o seu potencial. Como explicaram Dardot e Laval (2016, p. 348), a ideia de que “todas as formas de crise social sejam percebidas como crises individuais”.

Frases do tipo “seja a sua melhor versão”, “alcance resultados extraordinários”, “desperte o potencial infinito que existe dentro de você”, “turbine sua motivação”, “atinga uma alta performance em todas as áreas de sua vida” fazem parte da era coaching, o braço direito do neoliberalismo.

É importante lembrar que o neoliberalismo, o sistema no qual vivemos, é uma política econômica onde o ser humano passa a ser visto, de uma forma bastante resumida, como uma mercadoria que tem duas utilidades: vender sua mão de obra e consumir produtos. Logo, o discurso social está atravessado por esse padrão.

Somos todos empresas. Quem dará mais lucro? Quem terá mais status na sociedade? Quem irá se destacar? Como confiar no outro se ele é o meu concorrente? E assim as relações tornam-se cada vez mais frágeis.

E o pregação coach, faz o quê? Opera, muitas vezes sem perceber, dentro desta mesma lógica. A metodologia coaching não questiona o modelo adoecedor da sociedade em que vivemos, ela atua na direção contrária e reforça o discurso neoliberal de que o problema é você!

E desse jeito o sistema disfuncional, funciona. Cria-se um mito que reforça ainda mais o individualismo que vivemos, onde é “cada um por si”. Vamos! Mantenha o foco em você! Para o sucesso basta sustentar uma alta performance! Aliás, o que seria isso? Pisar ainda mais no acelerador buscando “vencer na vida”, na suposta ideia de que vivemos num campo de batalha? Ter orgulho de pertencer à sociedade do cansaço? De ser movido à café e ritalina?

E pelo discurso social o sistema que produz tanto adoecimento é purificado e idealizado. Vende-se a ideia de que não são as relações precarizadas de trabalho e a brutal desigualdade social que causam tanto sofrimento psíquico. É você que não dá o seu melhor, não é produtivo! E assim, a imensa maioria das pessoas fica com a eterna sensação de insuficiência, onde até poderiam ter uma “vida de sucesso”, mas não se esforçaram o suficiente. Você é o único responsável pela sua empresa, que é você mesmo. Não existe mais sofrimento, só má gestão. Não existe mais morte, só mais uma falência por incompetência do gestor de si mesmo.

Pensar sobre o coaching, sempre lembrando como surgiu, em que contexto histórico e de que forma se relaciona com o perfil político neoliberal, é pensar sobre o fortalecimento de uma racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016) que empurra para cada um dos indivíduos a responsabilidade cruel sobre problemas estruturais gerados pelo capitalismo. Tornando cada vez mais naturalizado o pensamento de que a realidade é criação de suas ações. Assim, apontar para os pontos em comum entre o discurso de coaches e os ideais neoliberais, é essencial para contextualizarmos e demonstrarmos que nenhuma ideia flutua sozinha e independente, mas que, na verdade, em seu âmago expressa, como nos casos estudados, o desejo de que ideias que possuem um peso político sejam internalizadas. Pensando nisso, o presente trabalho buscou explicitar como o coaching se estabelece e tem sua expansão diretamente dependente da consolidação do neoliberalismo e sua racionalidade. A partir desta

pesquisa, surgem questões que não cabem no escopo proposto, mas que dão espaço para futuros trabalhos que tratem sobre o tema.

Considerações Finais

Durante a pesquisa, ao assistir horas e mais horas de vídeos dos coaches Pablo Marçal e Thiago Nigro, tornou-se evidente o impacto das palavras deles sobre quem as ouvia, ao observar o público das palestras ou até mesmo em comentários do Youtube. A promessa de que todos os sonhos são alcançáveis ao simplesmente acordar e agir torna-se poderosa em uma sociedade enfrentando um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e seletivo.

O presente trabalho foi uma tentativa de contribuição para uma compreensão um pouco mais profunda das implicações sociais e éticas do coaching, e buscou explicitar como o coaching se estabelece e se expande diretamente dependente da consolidação do neoliberalismo e sua racionalidade. A análise crítica, à luz das teorias marxistas, revelou as conexões entre as abordagens dos coaches e os princípios fundamentais da ideologia neoliberal.

Seja a partir da teologia da prosperidade ou defesa do “empreendedorismo”, o discurso coach legitima desigualdades socioeconômicas e incorpora elementos que minimizam questões estruturais e responsabilidade social coletiva; servindo essencialmente à ideologia dominante.

Refletindo sobre essas manifestações dos coaches selecionados no estudo e a sua relação com o empresário de si, é possível pensarmos que esse indivíduo (que ainda é um condenado a vencer) precisa sobreviver e não mais vencer apenas no mercado de trabalho, mas sim na vida. Nesse cenário, a concorrência é o comportamento a ser seguido e esses coaches, ou empreendedores de palco, vendem sonhos, felicidade para esses indivíduos ressentidos, ansiosos, culpados e sedentos por uma receita rápida sem grande esforço. Esses coaches, ou empreendedores do eu, fazem do fenômeno do coaching o suprassumo da cura rápida, já que,

em um dia ou em um final de semana, a ideia vendida é de mudança de comportamento, quebra das crenças limitantes para que todos saiam “transformados”.

O coaching, com sua formação rápida e rasa, encaixa-se como um processo de cura/transformação ou, para aqueles indivíduos que escondem o fracasso/sofrimento, mostra-se apenas como algo a mais no currículo, e pelo discurso social o sistema que produz tanto adoecimento, é purificado e idealizado. Vende-se a ideia de que não são as relações precarizadas de trabalho e a brutal desigualdade social que causam tanto sofrimento psíquico. É você que não dá o seu melhor, não é produtivo! E assim, a imensa maioria das pessoas fica com a eterna sensação de insuficiência, onde até poderiam ter uma “vida de sucesso”, mas não se esforçaram o suficiente.

Essa audiência busca, no processo de coaching, os mestres que “venceram” e têm o atalho de como conseguir tudo isso, para reinventar seu modo de estar no mundo. Os coaches são pessoas descoladas, que misturam um discurso religioso com o palavrão e as gírias, mostrando o paradoxo de serem pessoas comuns e humildes, mas pretensamente evoluídas espiritualmente, que chegaram ao topo e hoje são intocáveis.

Para finalizar, é importante mencionar ainda que a ideia aqui é reforçar as críticas existentes às práticas do coaching e essas promessas de felicidade, sucesso e cura rápida. A ideia desse trabalho é também contribuir com a oposição a ideologia neoliberal ilustrada e disseminada pelo coaching, em função do baixo número de pesquisas que contemplam a crítica a esse fenômeno. Destacando a necessidade de superar coletivamente ideias individualistas e meritocráticas, em defesa de práticas que substituam a cobrança adoecedora do crescimento individual pela conscientização das estruturas sociais e econômicas que moldam a sociedade e portanto, os desafios individuais.

Referências

- ANDRADE, D. P. O que é neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 34, Número 1, Janeiro/Abril 2019.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: *de Ia Recherche en Sciences Sociales*, 1986.
- DARDOT, P; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GRAMSCI, A. Americanismo e Fordismo. In: *Cadernos do Cárcere*, volume 4. 2º ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GRANT, A; CAVANAGH, M. Toward a Profession of Coaching: Sixty-Five Years of Progress and Challenges for the Future. *International Journal of Evidence Based*

Coaching and Mentoring. 2004.

GONÇALVES, Hugo Feitosa; DOS SANTOS, Clécio Jamilson Bezerra; LIMA, Isabelly Cristiany Chaves. A ÉTICA NEOPENTECOSTAL E O ESPÍRITO DO NEOLIBERALISMO: elementos da retórica bolsonarista. In: Revista Inter-Legere, 2022.

HARVEY, D. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. 25º Ed. São Paulo: Loyola, 2014.

NIGRO, Thiago. O QUE EU FARIA SE TIVESSE QUE COMEÇAR DO ZERO? | Faria 1 milhão em 6 meses? - @primorico. Youtube, 19 dez. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/-UWjGFxeIO0?si=kOgFZnf83oj1OS5C>

NIGRO, Thiago. 5 decisões que você PRECISA TOMAR AGORA p/ NUNCA MAIS SER POBRE! - @primorico. Youtube, 3 out. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HeWBW_MPiy0

MARÇAL, Pablo. COMO GERAR RIQUEZA DO ZERO - @pablomarc11. Youtube, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8fHF4qQ370Q>.

MARÇAL, Pablo. Desbloqueio da mente milionária | @pablomarc11. Youtube, 25 abr. 2023. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=tOXhtNkS3XA&t=5610s>.

MARÇAL, Pablo. SABEDORIA PARA PROSPERAR - PABLO MARÇAL - MÉTODO IP. Youtube, 16 out. 2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=BwMjkqBevTg>.

SADER, Emir (org). 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma. São Paulo: Boitempo; Flacso Brasil, 2013.

SILVA, Luciana Martins e. A racionalidade neoliberal e o mercado de coaching: um estudo de caso sobre o método CIS. 2022. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

TEIXEIRA, B. C. C. Os treinadores do “jogo interior”: estudo sobre a prática “coaching” no contexto da reestruturação produtiva no Brasil. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

VIANA, S. Os jogadores. In: Rituais de sofrimento. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.